

Vol 6 Issue 8 May 2017

ISSN No : 2249-894X

*Monthly Multidisciplinary
Research Journal*

*Review Of
Research Journal*

Chief Editors

Ashok Yakkaldevi
A R Burla College, India

Ecaterina Patrascu
Spiru Haret University, Bucharest

Kamani Perera
Regional Centre For Strategic Studies,
Sri Lanka

Review Of Research Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial Board readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

Regional Editor

Manichander Thammishetty
Ph.d Research Scholar, Faculty of Education IASE, Osmania University, Hyderabad.

Advisory Board

Kamani Perera Regional Centre For Strategic Studies, Sri Lanka	Delia Serbescu Spiru Haret University, Bucharest, Romania	Mabel Miao Center for China and Globalization, China
Ecaterina Patrascu Spiru Haret University, Bucharest	Xiaohua Yang University of San Francisco, San Francisco	Ruth Wolf University Walla, Israel
Fabricio Moraes de Almeida Federal University of Rondonia, Brazil	Karina Xavier Massachusetts Institute of Technology (MIT), USA	Jie Hao University of Sydney, Australia
Anna Maria Constantinovici AL. I. Cuza University, Romania	May Hongmei Gao Kennesaw State University, USA	Pei-Shan Kao Andrea University of Essex, United Kingdom
Romona Mihaila Spiru Haret University, Romania	Marc Fetscherin Rollins College, USA	Loredana Bosca Spiru Haret University, Romania
	Liu Chen Beijing Foreign Studies University, China	Ilie Pinteau Spiru Haret University, Romania
Mahdi Moharrampour Islamic Azad University buinzahra Branch, Qazvin, Iran	Nimita Khanna Director, Isara Institute of Management, New Delhi	Govind P. Shinde Bharati Vidyapeeth School of Distance Education Center, Navi Mumbai
Titus Pop PhD, Partium Christian University, Oradea, Romania	Salve R. N. Department of Sociology, Shivaji University, Kolhapur	Sonal Singh Vikram University, Ujjain
J. K. VIJAYAKUMAR King Abdullah University of Science & Technology, Saudi Arabia.	P. Malyadri Government Degree College, Tandur, A.P.	Jayashree Patil-Dake MBA Department of Badruka College Commerce and Arts Post Graduate Centre (BCCAPGC), Kachiguda, Hyderabad
George - Calin SERITAN Postdoctoral Researcher Faculty of Philosophy and Socio-Political Sciences Al. I. Cuza University, Iasi	S. D. Sindkhedkar PSGVP Mandal's Arts, Science and Commerce College, Shahada [M.S.]	Maj. Dr. S. Bakhtiar Choudhary Director, Hyderabad AP India.
REZA KAFIPOUR Shiraz University of Medical Sciences Shiraz, Iran	Anurag Misra DBS College, Kanpur	AR. SARAVANAKUMARALAGAPPA UNIVERSITY, KARAIKUDI, TN
Rajendra Shendge Director, B.C.U.D. Solapur University, Solapur	C. D. Balaji Panimalar Engineering College, Chennai	V.MAHALAKSHMI Dean, Panimalar Engineering College
	Bhavana vivek patole PhD, Elphinstone college mumbai-32	S.KANNAN Ph.D , Annamalai University
	Awadhesh Kumar Shirotriya Secretary, Play India Play (Trust), Meerut (U.P.)	Kanwar Dinesh Singh Dept.English, Government Postgraduate College , solan

More.....



REVIEW OF RESEARCH



A VERDADE NA EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA A PARTIR DOS CONCEITOS DE JOGO, SÍMBOLO E FESTA EM H. G.GADAMER

Yomarley Lopes Holanda , Diogo Gonzaga Torres Neto;
Eveline Maria Damasceno do Nascimento , Karla Patrícia Palmeira Frota ,
and Jeanne Chaves de Abreu

Doutorandos do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA,
da Universidade Federal do Amazonas – UFAM (Brasil)

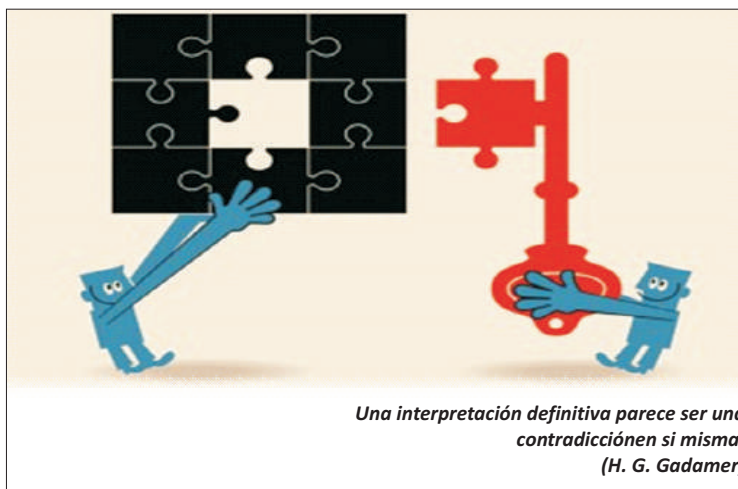
RESUMO

Hans-Georg Gadamer (1900-2002), filósofo alemão e figura proeminente para o desenvolvimento da hermenêutica no século XX, foi profundamente influenciado pelos ensinamentos filosóficos de Martin Heidegger. O presente texto apresenta uma breve análise de três conceitos importantes do pensamento de Gadamer, a saber: o jogo, o símbolo e a festa. Objetiva-se nesse paper tratar das críticas ao pensamento gadameriano, a reflexão serve apenas para lembrarmos que a filosofia de Gadamer também encontra resistência entre alguns de seus pares, não poderia ser diferente diante de um pensamento tão complexo e instigante que toma a tradição não como um peso morto apavorante sobre as novas gerações, mas sim como um diálogo profundo entre o passado e o presente, a partir de um exercício hermenêutico, que não deixa de ser inspirado no autor, para a leitura e compreensão dos textos que servirão ainda para jogar/compreender com exemplos extraídos de nossas pesquisas na Amazônia.

Palavras-Chaves: Gadamer, Hermenêutica, Jogo, símbolo, festa.

1. Gadamer e sua hermenêutica filosófica da finitude

Hans-Georg Gadamer (1900-2002), filósofo alemão e figura proeminente para o desenvolvimento da hermenêutica no século XX, foi profundamente influenciado pelos ensinamentos filosóficos de Martin Heidegger, do qual foi discípulo (e de quem a presença sombria jamais se livraria). O projeto hermenêutico gadameriano nasce de um diálogo crítico com a tradição filosófica (e estética), com vias ao enfrentamento interpretativo dos fenômenos contemporâneos. Em face disso, o presente texto objetiva examinar três conceitos importantes do pensamento de Gadamer, a saber: o jogo, o símbolo e a festa, a partir de um



exercício hermenêutico, que não deixa de ser inspirado no autor, para a leitura e compreensão dos textos. Hermenêutica da obra de arte (2010) e A liberação da questão da verdade a partir da experiência da arte, primeira parte do livro Verdade e método (2013), nos quais Gadamer se debruça mais detalhadamente sobre os conceitos-chave sobre ditos que, em última instância, no transcorrer de nossa argumentação, servirão ainda para jogar/compreender com exemplos extraídos de nossas pesquisas na Amazônia.

2. DO HERMES OLÍMPICO À BUSCA DA COMPREENSÃO DO MUNDO

Termo que deriva do verbo grego ερμηνεύω a hermenêutica (hermeneia) inicialmente aludia à expressão ou interpretação, uma referência simbólica ao deus Hermes, mensageiro dos deuses olímpicos, divindade do comércio e aquele que portava e traduzia a mensagem divina aos homens. Sendo o responsável em comunicar e tornar inteligível a mensagem dos deuses, Hermes ficaria ainda encarregado das técnicas e das artes, além das confluências e das fronteiras, consistindo, portanto, num deus mediador, aquele que colocava as partes em comunicação. Em face de sua ligação com a mediação, Hermes seria associado à hermenêutica como a arte ou ciência da interpretação de textos, decifrando-os e desvelando sua compreensão.

Em princípio voltada para a exegese de textos de natureza jurídica e teológica, a hermenêutica moderna terá em Gadamer (obviamente mergulhado numa tradição que remonta aos gregos clássicos, à Kant e Hegel, à Dilthey e Heidegger, e outros), uma contribuição decisiva para a ampliação de seu horizonte conceitual, trata-se, na verdade de um projeto de uma hermenêutica filosófica, conforme vemos no prefácio à 2ª edição de sua obra-prima (2013, p.16): “O conceito de hermenêutica foi empregado aqui, nesse sentido. Ele designa a mobilidade fundamental da pré-sença, a qual perfaz sua finitude. E a tentativa de compreensão das relações do homem entre si, com o mundo e com a natureza torna-se a base da hermenêutica gadameriana cujo propósito fundado no pressuposto da verdade ultrapassa o controle da metodologia científica.

Esta hermenêutica se pretende universal na medida em que jamais se restringe somente à interpretação de textos escritos tradicionais, vai além, busca desvelar imagens, construções, se compromete com a condição humana e nossa finitude (cuja compreensão, por esta razão, também é finita, universal e circular), critica a busca de uma única verdade absoluta como prescrevia a ciência cartesiana a partir do modelo epistemológico das ciências naturais. Sua proposta é simetricamente oposta a isto, Gadamer (2013, p.31) nos explica:

A hermenêutica que se vai desenvolver aqui não é uma doutrina de métodos das ciências do espírito, mas a tentativa de entender o que são na verdade as ciências do espírito, para além de sua autoconsciência metodológica, e o que as liga ao conjunto de nossa experiência de mundo.

De fato, para o autor (2013) a busca de uma verdade universalmente válida encobre a natureza de nossa compreensão, levando-nos a procurar um tipo de conhecimento da realidade que nunca encontraremos. Assim, importa salientar que não se sustenta a ideia de uma verdade absoluta proveniente de uma experiência histórica e particular.

Ao expor sua condição de finitude, a hermenêutica filosófica gadameriana também é histórica cujo princípio repousa na recuperação da noção de tradição, que também é transmissão (e linguagem que fala por si mesma), pois não há como negar que o passado interpela-nos a todo instante enquanto tentamos compreender algo. Segundo Chris Lawn (2007, p.53), versando sobre a importância do conceito de tradição em Gadamer, estaríamos perdendo cada vez mais esta ligação com o passado, essa referência de união em torno de algo maior, “principalmente porque não perdemos só a harmonia, o senso do mundo não dividido pelo velho e novo, o clássico e antigo (...), mas sim parte de um arranjo mais unitário, a tradição”.

É a tradição a nossa terra pátria de onde adquirimos as substâncias prévias (idioma, instituições, costumes, memórias) para a nossa compreensão do mundo. Compreender é, pois, um movimento (jogo) de intenso intercâmbio entre a tradição e o intérprete, movimento que não se restringe à subjetividade, é antes, um ato formativo e de diálogo ontológico com a tradição histórica, onde o tempo não é um obstáculo a ser transposto pela compreensão, mas sim aquele lugar que mantém o presente e o devir em diálogo. Questiona-se nesta acepção o caráter transcendental e subjetivista da compreensão humana em detrimento de uma hermenêutica da finitude e das possibilidades.

Aliás, Gadamer (2010;2013) reserva espaço especial em suas reflexões sobre a arte e a história

enquanto experiências hermenêuticas da verdade por excelência que abrem o horizonte para múltiplas possibilidades interpretativas. Em outros termos, o conceito de experiência fundamenta o estatuto histórico da hermenêutica postulada por Gadamer, uma vez que ele apresenta-o em sua significação histórica e dialética cujas perspectivas contemplam flutuações e rupturas, rompendo assim com o controle e as certezas inerentes à ciência moderna atada à incessante busca de resultados objetivos. “A experiência é, essencialmente, experiência da finitude humana”.

Faz sentido dizermos que não somos donos do tempo, a nossa experiência revela à consciência que nossos planos são falíveis, nosso tempo é escasso e não dominamos o futuro, a natureza trágica desta consciência longe de levar-nos ao desespero -, talvez aí resida o sentimento de frustração que predomina na contemporaneidade, onde as relações são cada vez mais rápidas e superficiais, a tecnologia que aproxima é a mesma que afasta-nos -, abre espaço para novas experiências, ao tomarmos consciência de que somos seres finitos e que realmente possamos nos abrir às novas possibilidades, não podemos nos poupar e devemos sim “jogar o jogo”, logo, vem daí a possibilidade de compreendermos realmente nossa historicidade.

Em suma, a tarefa da hermenêutica consiste na “construção de uma ponte sobre a distância humana ou histórica entre os espíritos” (GADAMER, 2010, p.1), o que nos leva a pensar que para se compreender profundamente faz-se mister estabelecer um elo com o “Outro”, aproximarmos-nos para eliminar os preconceitos que venham a se insurgir. Ou seja, para Gadamer (2010; 2013), compreender é um ato de mediação entre o presente e o passado; uma relação entre nós mesmos e com o modo pelo qual a construção (texto, obra de arte, imagens, construções, etc.) realizada no passado se apresenta e se encaminha ao nosso espírito. Chris Lawn (2007, p.13), um dos comentadores do trabalho de Gadamer, fala sobre os atos de interpretação do autor, que são

dialógicos, uma conversação constante, dentro da tradição. O intérprete projeta o significado provisional, mas estes são desarranjados e re-definidos quando os próprios preconceitos do intérprete são questionados pelo horizonte do texto ou pelo parceiro no diálogo

Assim, a base do nosso compreender advém de nosso entendimento do “estar junto”, viver com o “Outro”, não somente daqueles próximos a nós, mas esta concepção estende-se a toda humanidade como também à natureza que nos rodeia, trata-se da constituição de um laço compreensivo que nos une com o mundo.

3. O JOGO, O SÍMBOLO E A FESTA NA EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA

As artes e as ciências históricas são modos de experimentação nos quais nossa própria compreensão da existência entram diretamente em ação.

(H. G. Gadamer)

A acepção fenomenológica de jogo (spiel) em Gadamer, que faz referência ao livro *Homo Ludens*, de Johan Huizinga (1999), parte do pressuposto de que este fenômeno cultural e natural é pedra basilar da experiência humana. Experiência esta cujo cerne repousa na liberdade do jogar, “do ser-jogado”, campo no qual emergem as regras e princípios essenciais da nossa civilização.

Poderíamos dizer que o sentido antropológico do jogo se encontra também no tocar um instrumento, na representação de uma peça de teatro, na dança sutil de uma bailarina, na brincadeira ou na coreografia das mãos de uma torcida de futebol, aqui enfatiza-se a ideia de movimento, do ir e vir, da liberdade inerente às brincadeiras da infância, por exemplo. Gadamer cita outros exemplos simbólicos do jogo e do jogar, quais sejam: o jogo das ondas do mar, o jogo das luzes, o jogo dos rolamentos de uma máquina, importa sublimar nesses exemplos a questão da autonomia do jogo, da participação e do “jogar junto”, movimento que parece não ter um começo e nem um fim cujos sujeitos não são mais os jogadores em si, mas o próprio jogo.

Gadamer (2010; 2013) utiliza o conceito-chave de jogo para explicar o processo de compreensão da arte, partindo do princípio de que a “arte é jogo, isto é, que seu verdadeiro ser não é separável de sua representação e que na representação surge a unidade e identidade de uma configuração”. Deste modo, a compreensão seria como “um movimento do jogar”, todo jogar também pressupõe um “ser-jogado”, um “estar

no jogo”, assim como os jogadores participam intensamente de um determinado jogo, nós também somos co-participes (ou jogadores-intérpretes) da experiência do jogo compreensivo, sendo interpelados constantemente pelo mundo quando buscamos compreender algo que sempre nos ultrapassa. Nota-se aqui a inspiração heideggeriano pensamento de Gadamer, especialmente quando aquele reflete sobre a natureza da compreensão e da interpretação, no livro *Ser e tempo*. É esta a concepção de hermenêutica filosófica dos construtos artísticos a que se refere Gadamer.

A experiência de verdade da arte, que não deixa de ser também uma experiência de verdade hermenêutica, ultrapassa os limites e controles da verdade científica, Tanto a verdade da arte quanto da história não podem ser verificadas pelo método científico cartesiano (GADAMER, 2013, p.30), decorre daí que a hermenêutica assume para si este intento pautado na legitimação pela própria filosofia que, em última instância, demonstra (e adverte) o quanto é limitada a consciência científica que se arvora como senhora do conhecimento universal.

Gadamer (2013, p. 149) pensa o encontro com a obra de arte como uma forma de conhecimento sui generis, um tipo de conhecimento e autoconhecimento que não é inferior ao conhecimento científico. Embora sendo um mundo fechado em si, o jogo da experiência artística sobrepuja quem joga, ou seja, o jogador é atraído para a esfera do jogo preenchendo-o com seu espírito, e os jogadores desaparecem neste universo, o que importa é o jogar do jogo. Não existem mais poetas, artistas plásticos ou atores, nos dizeres de Gadamer (2013, p. 167), “o jogo, ele mesmo, é uma transformação tal que a identidade daquele que joga não continua existindo para ninguém. A única coisa que se pode perguntar é qual é a intenção do que está aí. Os jogadores (ou poetas) não existem mais, existe apenas o que é jogado por eles”. Neste sentido, a arte apresentaria, através do seu jogo lançado numa conjuntura, um conteúdo que permite ao seu espectador o acesso a uma compreensão de verdade a partir de uma gama extensa de possibilidades de sentido.

Gostaríamos de exemplificar esta questão dos jogos sociais tendo em vista alguns elementos de um exemplo extraído de pesquisa realizada no interior do Amazonas. O estudo versa sobre uma manifestação cultural festiva na cidade de Fonte Boa, interior do Amazonas. Trata-se de uma festa de boi-bumbá que possui raízes histórico-sociais profundas, engendrando aspectos que vão desde o faccionalismo político oriundo das antigas oligarquias gomíferas e suas famílias hegemônicas; passando pela guerra simbólica que alude as duas cores diacríticas que representam os bumbás: o azul e o vermelho; até o complexo processo de criação artística que envolve uma ampla gama de relações sociais e atores diversos. Sem nos deter nos pormenores da pesquisa, importa dizer aqui que, num sentido bem amplo, ser partícipe de jogos sociais é uma condição humana, diante disso as articulações promovidas nos barracões dos dois bois onde são preparadas as alegorias e fantasias para a festa ou na própria arena onde os bumbás duelam, são tecidas múltiplas relações de sociabilidades, trocas simbólicas e experiências hermenêuticas, pois não deixa de ser um jogo compreensivo quando a torcida de um boi-bumbá assiste a performance (encenação/interpretação) dos atores na arena ou mesmo quando da apresentação de uma alegoria representando algum ente do imaginário amazônico, em ambos os casos ocorre um diálogo intelectual advindo pela recepção da arte ali apresentada, jogo jogado tanto pelos artistas criadores da obra, como pelo público espectador que a interpretará, não se trata de uma ação lógica do pensamento, mas sim de uma reflexão de conteúdo.

É nesta perspectiva que podemos pensar o jogo hermenêutico que ocorre na representação de uma peça teatral ou na arena (chamada de bumbódromo) onde se apresentam os bois de Fonte Boa por trataram-se de manifestações artísticas onde a plateia não somente assiste ao espetáculo, mas ela tem uma experiência da arte como uma experiência da verdade, ali ocorre um processo lúdico onde o espectador também se tornará intérprete a partir de sua condição histórica e referências de mundo, o próprio Gadamer (2010) considera a existência do espectador como integrante do evento em que se dá na obra, daí tratar-se de uma verdade em que eu participo, nós participamos juntos, porém a obra nos interpela de maneira diferente e única, é como se estivéssemos juntos tendo experiências da verdade ante o espetáculo que se oferece aos nossos olhos.

É possível conjecturar em face dessas breves observações sobre o jogo humano que para Gadamer (2010; 2013) a verdade é uma experiência compartilhada. Ele aponta para a possibilidade de vivermos uma experiência autêntica de conhecimento ao nos dispormos a interpretar a riqueza de sentidos orientados pelo

próprio desvelamento do conteúdo de uma obra que consideramos bela.

O segundo conceito gadameriano que nos propomos a examinar mais atentamente neste trabalho é o de símbolo. Em *Verdade e método* (2013, p.119-122), ao tratar da história dos conceitos, assim como da oposição artística entre símbolo e alegoria, nosso autor, define o primeiro como não se restringindo “à esfera do logos, pois não é o seu significado que o liga a outro significado, mas, ao contrário, é seu ser próprio manifesto que tem “significado”. Na medida em que se exhibe reconhecemos nele algo diferente”. Mais adiante Gadamer escreve:

É claro que se denomina “símbolo” aquilo que vale não só por seu conteúdo, mas também por sua capacidade de exibir, ou seja, é um documento no qual se reconhecem os membros de uma comunidade: quer seja um símbolo religioso ou se apresente com um sentido profano, como uma insígnia, uma credencial ou uma senha, seja qual for o caso o significado do symbolon está em sua presença e só obtém sua função representativa pelo fato de ser mostrado ou ser dito em sua atualidade.

Não há dúvida que o símbolo remonta à sua instituição, pois somente esta lhe confere seu caráter significativo, conforme pensa Gadamer (2013, p. 219) “o que lhe confere seu significado não é o seu próprio conteúdo ontológico, mas justamente uma instituição, uma investidura, uma consagração; ela dá significado ao que em si não tem significado”, o autor cita como exemplo dessa constatação a bandeira nacional, o emblema, no que tange ao nosso interesse de estudo, pode-se dizer que as cores azul e vermelha, são usadas como símbolos diacríticos na festa dos bois-bumbás de Fonte Boa, os torcedores de cada boi se vestem com roupas e usam adereços com essas cores, estendem bandeirolas na frente de suas casas, os artistas plásticos ou compositores trabalham predominantemente com essas cores em suas criações, as cores agem assim como elementos simbólicos de pertencimento a um dado grupo, são símbolos de diferenciação que não se originaram com os bumbás, possuem raízes bem mais profundas na tradição cultural local, conforme demonstramos na dissertação de mestrado (HOLANDA, 2010).

O que interessa observar é que o símbolo deixa aparecer algo que, no fundo, está sempre presente. Duas ponderações podem ser evocadas aqui: 1) Se Gadamer postula o símbolo como sendo uma forma de representação que abarca tanto o jogo como a imagem; b) Se levamos em consideração que o símbolo “é a coincidência do sensível e do não sensível” (GADAMER, 2013, p.122). Logo, a arte enquanto símbolo promove, a todo aquele que participa do seu jogo, um encontro a possibilitar o reconhecimento acerca de uma situação, de um assunto, de um conteúdo. No encontro entre espectador e obra de arte acontece a composição da unidade entre o sentido de mundo compreendido pelo espectador e o dizer da obra do artista em sua pretensão de verdade. Este encontro (experiência) transforma o indivíduo.

Gadamer (2013) enfatiza que a arte envolve todos aqueles que participam de seu jogo, conforme vimos o espectador torna-se parte integrante do círculo hermenêutico anunciado pela obra de arte quando de sua apresentação, daí que a ideia de participação e entrega daquele que assiste é importante nesses espaços promovidos pelo jogo artístico que devido a sua abertura torna-se festa, pois as pessoas ali assistem, interpretam, festejam, tornam suspensas as temporalidades.

Quando refletimos sobre a estrutura do tempo da festa logo percebemos que ela não se prende às amarras da cronologia metódica tradicional, a festa, de fato, possui suas temporalidades múltiplas, é o tempo da festa onde tudo é festa e, ao contrário do que se disseminano senso comum, a repetição da festa (ou de qualquer outra manifestação da arte) caracteriza-se por um caráter sempre original, é o que H. G. Gadamer (2013, p.180) chama de “retorno da festa”, e é sobre este terceiro conceito de sua hermenêutica que nos deteremos agora.

O tempo da festa é sempre um presente sui generis, uma celebração, de fato, festejar é celebrar onde a experiência temporal que conhecemos formada pela sucessão de horas, dias, meses..., não exprime sua instância celebrativa em virtude de “a cada vez que ocorre, a festa vai se modificando, pois o que é simultâneo com ela é sempre algo diverso. Mesmo assim, também sob este aspecto histórico continuaria sendo uma e a mesma festa que vai sofrendo tais mudanças” (GADAMER, 2013, p. 180).

Segundo Gadamer apud Lawn (2007, p.127-128), a ocasião festiva é sempre algo que nos enaltece, elevando os participantes além de suas existências diárias a um tipo de comunhão universal e verdadeira, nos unindo de maneira mais íntima e importante do que outras experiências de solidariedade. A festa suspende a temporalidade cotidiana da rotina, floresce um novo tempo durante a vigência da festa que irrompe o relógio

mundano.

É o que demonstra o exemplo da festa de boi-bumbá que serve de exemplo neste texto, cuja natureza periódica agrega pessoas de diferentes lugares da Amazônia, promovendo a possibilidade do encontro, do envolvimento diante de algo, onde através da arte apresentada (e contemplada) na festa, as pessoas (participantes/intérpretes) vivem experiências autênticas de compreensão da realidade, ali o conteúdo revelado pela experiência artística promove oportunidade de pensarmos num assunto, num tema, a história da cidade, por exemplo.

A festa de Fonte Boa e o jogo da arte que é jogado naquele contexto engendram um caráter mediador entre valores e anseios o que lhe permite, através de incontáveis “pontes”, reviver o passado e projetar as utopias, reafirmando, ou melhor, contribuindo com a construção de identidades, celebra-se algo que existe há quase um século (brincadeira do boi de terreiro), e mesmo assim todas as festas são distintas uma das outras. E ainda, se pensarmos nas pessoas que tomam parte deste espetáculo, elas pretendem que o tempo da festa dure para que se tornem momento/essência da própria celebração:

Para os jogadores, isso significa que não irão simplesmente exercer seus papéis como em todo e qualquer jogo; antes representam seus papéis diante de outros, eles o representam para o espectador. Nesse caso, a sua forma de participação no jogo não é mais determinada pelo fato de serem totalmente absorvidos e se perderem nele, mas por jogarem (representarem) seu papel por referência e tendo em vista o conjunto do espetáculo, no qual não eles, mas os espectadores devem ser totalmente absorvidos (GADAMER, 2013, p.164).

É possível depreender nesta passagem uma espécie de transformação na natureza do jogo quando ele se torna espetáculo. O espectador torna-se o jogador que joga (interpela) o jogo/apresentação, é para ele que o ator na arena encena, o espectador possui neste caso uma primazia metodológica do jogo, que não exclui o ator de também participar do jogo e a “exigência de se visar o jogo, mesmo no seu conteúdo de sentido, é igual para ambos” (GADAMER, 2013, p. 164).

No momento em que uma estrutura alegórica cheia de detalhes, com muitos movimentos articulados e acabamentos impecáveis adentra a arena de boi para tomar parte de uma grande encenação, os espectadores passam a participar de um universo de significados num tempo que os envolve como em comunidade: olhares atentos, busca de referências anteriores, recordações de festas do passado, silêncios para ouvir algo, gente emocionada ou gritando intensamente, passa-se assim a interpelar os sentidos dessa obra nos esforçando em compreendê-la, o que implica no mergulho numa experiência hermenêutica que a festa configura e reconfigura continuamente, mesmo que aquela representação alegórica (ou partes dela ou algo parecido) já tenha sido apresentada em eventos anteriores, é a experiência do pensar/jogar novamente que importa aqui atualizando o conteúdo a cada nova apresentação, nos fazendo retornar repetidas vezes àqueles acontecimentos hermenêuticos que se pretenderam, desde o início, verdades. Lembremos que é na execução da arte que encontramos ela mesma, e “o espetáculo só acontece onde está sendo representado” (GADAMER, 2013, p.172). Essas experiências de tempo vividas pelos participantes de uma festa de boi-bumbá dão a eles uma sensação de pertencimento. A festa também demonstra ter uma história, uma alteridade, um conteúdo ecoando como uma voz da tradição (neste caso a festa possui uma historicidade de quase um século), e acontece uma espécie de desvelamento do real que nos permite dialogar. Então, pode-se dizer que o tempo da festa dos bois-bumbás de Fonte Boa ocorre com a entrega do espectador (torcedor) à verdade comunicada dialogicamente pela arte das alegorias, fantasias, músicas ou performances artísticas. Temos ali uma experiência de familiaridade com a representação (mimesis) da arte que por detrás de si guarda um espírito histórico. Eis uma discussão a ser adensada no transcurso de construção da tese.

A alegria que sentimos diante de um espetáculo que nos comove e arrebatava, para Gadamer (2013, p.167), “é a alegria do conhecimento”, conhecimento que na mimesis que se refere nosso autor, é reconhecimento de nós mesmos, da essência das coisas como elas o são de verdade, somos parte e momento do próprio jogo/representação/espetáculo, um ente trágico na acepção aristotélica do termo (que Gadamer vai discutir entre as páginas 186-192, de Verdade e Método), uma vez que sofremos o efeito da intervenção artística em nós, e assim somos arrebatados pela tragédia da experiência da arte, trágico destino que não se restringe à melancolia, vai muito além, tem relação com prazer e com apreciação, com a nostalgia e com a elevação, porque

aí o que vem ao nosso encontro, o que sublima o nosso espírito, são as nossas próprias histórias que a tradição nos legou.

4. AO FINAL, É O CÍRCULO COMPREENSIVO QUE NOS APROXIMA...

A leitura e tentativa de interpretação de alguns dos conceitos seminais gadamerianos colocou-nos diante de um desafio formidável, pois é muito difícil posicionar as coordenadas de seus pensamentos em apenas uma linha da filosofia, sua própria terminologia pode ser caracterizada como evasiva, talvez Gadamer, de propósito, tenha nos deixado sempre um espaço interpretativo para que mergulhássemos (jogássemos) hermenêuticamente em busca da compreensão textual.

Lendo Hans-Georg Gadamer aprendemos algumas lições inestimáveis, sintetizadas assim: a) aquilo que acontece quando tentamos interpretar um texto é o mesmo que acontece quando nos dispomos a interpretar qualquer outra coisa do nosso universo sociocultural; b) que o passado não é um “país estrangeiro”, mas sim um efeito constante no nosso presente; toda verdade é interpretação, e toda interpretação é, de alguma forma, histórica, logo a verdade é sempre relativa; c) que o jogo da arte pode ser pensado como um espelho que reflete a nós mesmos, como somos, como poderíamos ser, o que acontece conosco, revelando-nos verdades que dificilmente alguma pesquisa científica conseguiria; d) que todas as artes e trabalhos artísticos, de alguma forma, se baseiam em jogos.

A arte em Gadamer não é mera diversão inocente ou deleite, mas um ponto basilar de acesso às verdades fundamentais sobre o mundo e o significado do que é ser humano. Deste modo, permitiu-nos pensar através da arte que a verdade é mutável e totalmente aberta, onde a experiência hermenêutica também se torna uma verdade quando ela nos “surpreende” e, de repente, somos abarcados por ela.

Vale sublinhar ainda que se a experiência do encontro com a arte nos faz uma vez mais ordenar aquilo que nos decompõe na modernidade, - situação que ocorre desde quando adotamos as doutrinas e noções cartesianas, - então encontramos aí uma verdade (que é uma experiência hermenêutica também), uma energia ordenadora e o senso de familiaridade que parecíamos estar perdendo com o mundo e com os outros.

Precisaríamos de mais elementos e leitura de outros escritos de Gadamer para criticá-lo como demasiado historicista. O que não resta dúvida é que sua filosofia atribui imensa importância à tradição e, por conseguinte, à história. Para Chris Lawn (2007, p. 171), muitos dos críticos apontam esta questão como fulcral (e frágil) do pensamento gadameriano: as hermenêuticas postuladas por Gadamer seriam “basicamente, nada mais que um apoio e defesa do status quo e, conseqüentemente, um profundo conservadorismo político”. Esta posição crítica parte da premissa de que a história (tradição) em Gadamer seria um lugar harmônico sem lutas ou resistências, sem conflitos ou descontinuidades, como um “rio de fluxo contínuo” cheio de autoridade, cabendo a nós apenas a submissão acrítica. Notadamente não é este o objetivo deste nosso texto tratar das críticas ao pensamento gadameriano, a reflexão serve apenas para lembrarmos que a filosofia de Gadamer também encontra resistência entre alguns de seus pares, não poderia ser diferente diante de um pensamento tão complexo e instigante que toma a tradição não como um peso morto apavorante sobre as novas gerações, mas sim como um diálogo profundo entre o passado e o presente.

Para um homem que viveu muito para testemunhar as maiores tragédias dos tempos modernos, Gadamer transparece esperança em seus escritos. Diante de uma humanidade cada vez mais dividida, incompreensível e estranha, onde as situações reais de conversação tornam-se raras ou deixam de ter significado, sua filosofia “constrói pontes” entre as pessoas e diferentes tradições culturais, demonstra-nos uma esperança (quem sabe até promessa?!) de que um dia possamos voltar a compartilhar algo (de verdade!).

5. REFERÊNCIAS:

1. GADAMER, H. G. *Hermenêutica da obra de arte*. Sel. e trad. Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
2. _____. *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. (coleção pensamento humano)
3. HOLANDA, Yomarley Lopes. *A festa na cidade que o barranco levou: dinâmicas culturais e políticas do brincar*

de boi em Fonte Boa (AM).2010. 245 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Faculdade de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

4.HUIZINGA, Johann. Homo Ludens. Perspectiva: São Paulo, 1999.

5.LAWN, Chris. Compreender Gadamer. Trad.Hélio Magri Filho. Petrópolis: Vozes, 2007. (Série compreender)

YOMARLEY LOPES HOLANDA



Graduado em História e Especialista em Psicopedagogia. Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA-UFAM. Professor Assistente e pesquisador da Universidade do Estado do Amazonas (CEST/UEA). É pesquisador do Grupo de Estudo, Pesquisa e Observatório Social: Gênero, Política e Poder – GEPOS (CNPq/UFAM). Está no Programa de Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA, UFAM.

DIOGO GONZAGA TORRES NETO



Graduado em Administração (UFAM), Filosofia (UFAM), Estudos em Teologia (IAENE), Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (UFAM). Atualmente é docente da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Pesquisador do GEPOS (UFAM), GIEPGOEA (UNIR), GEPAC (UNIR), LBP (Índia) e autor de livros e artigos internacionais. Doutorando de Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA, UFAM.

EVELINE MARIA DAMASCENO DO NASCIMENTO



Possui graduação em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM (1997). Especialista em Psicopedagogia - UFAM (1998). Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM (2008). Atualmente é doutoranda do PPG Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA/UFAM (2013) e professora estatutária da Secretaria de Estado de Educação do Amazonas (SEDUC) e pesquisadora do Grupo de Estudo, Pesquisa e Observatório Social: Gênero, Política e Poder vinculado ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas, atuando principalmente nos seguintes temas: Cidade, Meio Ambiente e Memória.

KARLA PATRÍCIA PALMEIRA FROTA



Doutoranda e Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia, pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Possui graduação em Direito; graduação em Letras – Língua e Literatura Inglesa; e, graduação em Processamento de Dados. É pesquisadora do Grupo de Estudo, Pesquisa e Observatório Social: Gênero, Política e Poder – GEPOS (CNPq/UFAM).

JEANNE CHAVES DE ABREU



Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Amazonas (1979). Doutoranda e Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia, especialização em ginástica escolar UFAM), ginástica rítmica (FAFICLA) e Metodologia do Ensino Superior (UNILASALLE). Coordenadora e professora do Curso de Dança da Universidade do Estado do Amazonas; professora do Curso de Educação Física Presencial mediado da UEA, professora do Curso de pós graduação “Dança e Educação”; da Universidade do Estado do Amazonas, Professora

Publish Research Article

International Level Multidisciplinary Research Journal For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Books Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

Associated and Indexed, India

- ★ Directory Of Research Journal Indexing
- ★ International Scientific Journal Consortium Scientific
- ★ OPEN J-GATE

Associated and Indexed, USA

- DOAJ
- EBSCO
- Crossref DOI
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database

Review Of Research Journal
258/34 Raviwar Peth Solapur-413005, Maharashtra
Contact-9595359435
E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com
Website : www.ror.isrj.org